

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
ESCOLA DE SAÚDE - ESUFRN
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – SEDIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE PRECEPTORIA EM SAÚDE

JULIANA ALMEIDA MARQUES LUBENOW

**ROTEIRO DE ATIVIDADES DE ENFERMAGEM PARA O ACADÊMICO DE
ENFERMAGEM EM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: uma
contribuição do profissional de preceptoria**

JOÃO PESSOA/PARAÍBA

2020

JULIANA ALMEIDA MARQUES LUBENOW

ROTEIRO DE ATIVIDADES DE ENFERMAGEM PARA O ACADÊMICO DE ENFERMAGEM EM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: uma contribuição do profissional de preceptoria

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização de Preceptoria em Saúde, como requisito final para obtenção do título de Especialista em Preceptoria em Saúde. Orientador: Prof. Ms. Ari de Araujo Vilar de Melo Filho

JOÃO PESSOA/PARAÍBA

2020

RESUMO

A vivência do aluno em campo de estágio deve ser feita de forma direcionada. Objetiva-se elaborar um roteiro de atividades de enfermagem a ser realizado pelo aluno. Trata-se de um Projeto de Intervenção, do tipo Plano de Preceptorial, a ser realizado na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica do Hospital Universitário Lauro Wanderley em João Pessoa, Paraíba. Tem como público-alvo os estudantes de Graduação de Enfermagem. Para alcançar o objetivo do projeto, serão realizados três encontros. No terceiro, pesquisador, enfermeiros e docente se reunirão com os alunos para avaliar o roteiro de atividades.

Palavras-chave: Enfermagem. Preceptorial. Unidades de Terapia Intensiva Pediátrica.

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) está inserido nas Diretrizes Curriculares Nacionais e, mais especificamente, na Graduação em Enfermagem, configura-se como parte fundamental no currículo dos futuros enfermeiros, constituindo 20% da sua carga horária total (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001). No ECS, os alunos têm contato com a realidade da assistência, diferentemente das aulas práticas em laboratório, nas quais recebem treinamento para executarem procedimentos. A atuação em campo prático permite ao aluno desenvolver competências necessárias para a construção do profissional enfermeiro (BALDOINO; VERAS, 2016).

Dessa forma, o aluno tem a oportunidade de acompanhar as atividades inerentes ao exercício profissional de enfermagem, tais como:

- a) direção do órgão de enfermagem integrante da estrutura básica da instituição de saúde, pública e privada, e chefia de serviço e de unidade de enfermagem; b) organização e direção dos serviços de enfermagem e de suas atividades técnicas e auxiliares nas empresas prestadoras desses serviços; c) planejamento, organização, coordenação, execução e avaliação dos serviços da assistência de enfermagem; (...) h) consultoria, auditoria e emissão de parecer sobre matéria de enfermagem; i) consulta de enfermagem; j) prescrição da assistência de enfermagem; l) cuidados diretos de enfermagem a pacientes graves com risco de vida (COFEN, 1986).

Além de poder colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos na Academia, o aluno tem a oportunidade de conhecer o contexto social do paciente, avaliá-lo e tomar decisões, bem como conhecer os diversos cenários de assistência, aprimorar a habilidade de observação, identificar os seus problemas e suas dificuldades, e reconhecer a necessidade de mudança, valorizando a pesquisa. O ECS permite ao aluno construir seu conhecimento e sua identidade profissional, ter uma postura crítica e reflexiva frente às situações vivenciadas e desenvolver o saber-fazer, componentes fundamentais na construção da sua autonomia e na identificação e no atendimento das necessidades do usuário a ser assistido (BURIOLLA, 2009; MARRAN; LIMA; BAGNATO, 2015).

Mas para que o aluno desenvolva essas competências e usufrua de todas as oportunidades, é necessária a presença de cenários assistenciais estruturados, que sejam receptivos aos estudantes, nos quais os profissionais que ali trabalham acolham esse aluno e colaborem no atendimento das suas necessidades de aprendizagem. Surge, assim, a figura do preceptor. A atividade de preceptoria inclui a organização do processo de aprendizagem e de orientação técnica (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005). Essa atividade está inserida na Portaria

Ministerial n. 285, de 24 de março de 2015, que redefine o Programa de Certificação de Hospitais de Ensino e estabelece normas de acompanhamento dos estudantes de graduação e residentes pelo preceptor (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

Dessa forma, o preceptor atua como um importante mediador do processo de aprendizagem do futuro profissional (BENITO ET AL., 2012). É ele quem deve: preparar o ambiente de trabalho para receber o estudante, articular recursos humanos e materiais, intermediar a interação entre a equipe de enfermagem e multidisciplinar e o serviço, estimular o raciocínio crítico-reflexivo, o levantamento de hipóteses e a elaboração de estratégias para os problemas reais presentes no cotidiano da assistência à saúde, além de supervisionar, orientar e participar da avaliação do desempenho desses estudantes (ESTEVES; ET AL., 2019). O preceptor auxilia o estudante, ainda, na tomada de decisão em questões éticas e morais; proporciona discussões problematizadoras que lhe despertem o interesse pela prática pautada em preceitos éticos, na humanização e na cidadania. O preceptor serve de modelo para o futuro profissional, podendo inspirá-lo, motivá-lo e influenciá-lo (LACERDA; TELES; OMENA, 2019).

Porém, para que tudo isso se efetive, o enfermeiro necessita receber capacitação para executar, além de sua função assistencial e gerencial, sua competência didático-pedagógica, o que pode ser feito por meio de um Curso de Especialização. É primordial, também, que participe na elaboração, no planejamento e na avaliação dos programas de estágio desenvolvidos na sua unidade de atuação. O preceptor-enfermeiro deve conhecer suas atribuições, as características relacionadas ao ensino oferecido ao estudante pela universidade, as metas de ensino, as expectativas do docente em relação ao aluno e a forma de avaliar as suas necessidades de aprendizagem e as competências desenvolvidas (LIMA ET AL., 2014).

Frente ao exposto, compreende-se que a vivência do aluno em campo de ECS deva ser feita de forma direcionada, planejada e organizada, que propicie a formação de competências e a construção de saberes necessários que lhe permitam oferecer uma assistência de enfermagem segura, voltada às necessidades de saúde da população, ao se tornar profissional enfermeiro. Tudo isso para que ele não atue somente como mão-de-obra extra no serviço de saúde ou para cumprir a carga horária exigida pelas Diretrizes Curriculares. Desse modo, pergunta-se: quais são as atividades de enfermagem, a serem elaboradas em conjunto com os enfermeiros preceptores e docente da disciplina de Terapia Intensiva, que devem ser realizadas pelo futuro profissional de enfermagem para direcionar sua atuação em campo de estágio?

2 OBJETIVO

Elaborar um roteiro de atividades de enfermagem, em conjunto com os preceptores enfermeiros e docente da disciplina de Terapia Intensiva, a ser realizado pelo futuro profissional de enfermagem.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um Projeto de intervenção, do tipo Plano de Preceptoria. O Projeto de Intervenção consiste em uma proposta de ação para resolver problemas detectados ou atender necessidades identificadas, com o propósito de modificar a realidade existente (SCHNEIDER; VON FLACH, 2017). Já a preceptoria refere-se à supervisão pedagógico-assistencial de alunos de graduação ou profissionais em processo de especialização ou aperfeiçoamento. Deve ser realizada pelo preceptor, um profissional com curso de graduação e experiência mínima de três anos em área específica ou com título de especialista ou residência (BRASIL, 2005). Dessa forma, o Plano de Preceptoria envolve o planejamento das atividades a serem realizadas pelos estudantes ou profissionais em capacitação, junto ao preceptor.

Nesse Plano de Preceptoria, será elaborado um roteiro de atividades de enfermagem, em conjunto com os preceptores enfermeiros e docente da disciplina de Terapia Intensiva, a ser realizado pelos estudantes de Graduação em Enfermagem, que direcione sua atuação em campo prático.

3.2 LOCAL DO ESTUDO / PÚBLICO-ALVO / EQUIPE EXECUTORA

A intervenção será realizada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Pediátrica do Hospital Universitário Lauro Wanderley em João Pessoa, Paraíba. A UTI Pediátrica conta com quatro leitos e recebe crianças entre um mês e 12 anos de idade, ou menor que 40 kilogramas de peso.

A intervenção tem como público-alvo os estudantes de Graduação de Enfermagem que fizerem estágio na UTI Pediátrica durante o dia (pela manhã e à tarde). Os Enfermeiros do período diurno atuarão no planejamento das atividades, supervisão e avaliação dos alunos em campo e avaliação do roteiro de atividades ao final do estágio. O docente da disciplina de Terapia Intensiva participará na elaboração do roteiro de atividades e na sua avaliação após o término das atividades práticas. A elaboração e a avaliação do roteiro de atividades serão feitas junto com o pesquisador.

3.3 ELEMENTOS DO PP

Para alcançar o objetivo do projeto, serão realizados três encontros em uma sala de estudos localizada na instituição, em horário a ser acordado entre pesquisador, enfermeiros preceptores, docente e alunos. No primeiro encontro, o pesquisador irá se reunir com os enfermeiros preceptores da unidade e o docente para elaborar o roteiro de atividades de enfermagem a ser realizado pelos estudantes de Enfermagem, utilizando referências bibliográficas atualizadas a serem escolhidas pelas partes. A participação dos enfermeiros é importante, pois conhecem a rotina do serviço. O docente também deve participar no planejamento das atividades por ser responsável pela disciplina de Terapia Intensiva e pelos alunos.

Em um segundo encontro, o pesquisador e o docente irão orientar os alunos sobre o roteiro de atividades que irão executar. A realização dessas atividades fará parte da sua avaliação no estágio. E, por fim, no terceiro encontro, após todos os alunos finalizarem o estágio na UTI pediátrica (no mês de dezembro de 2020), conforme carga horária determinada pelo curso, irão se reunir o pesquisador, os enfermeiros, docente e alunos para avaliação da aplicação do roteiro de atividades.

3.4 FRAGILIDADES E OPORTUNIDADES

A operacionalização do Plano de Preceptoría pode ser facilitada pela presença de alguns fatores, como: presença de uma instituição que apoia a presença do aluno, presença do ambiente para a prática do aluno (no caso, a UTI Pediátrica) e, a presença de pacientes. Aliado a tudo isso, os demais fatores que podem fortalecer a execução do projeto são a experiência na assistência e a realização da Especialização em Preceptoría em Saúde (em andamento) por alguns enfermeiros preceptores da unidade.

Em contrapartida, algumas situações podem fragilizar o desenrolar do plano, como: falta de interesse do aluno, falta de motivação para o enfermeiro atuar como preceptor e participar do plano de intervenção e recusa da família em autorizar o cuidado pelo aluno.

3.5 PROCESSO DE AVALIAÇÃO

O processo de avaliação será a aplicação do roteiro. Dessa forma, ao final do estágio (no terceiro encontro), após 4 meses de atuação, o pesquisador, os enfermeiros e docente se

reunirão com os alunos para discutir se este atendeu ou não às demandas de aprendizado inerentes ao serviço, conforme instrumento de avaliação (Apêndices A e B). Os enfermeiros deverão responder as seguintes questões: alguma atividade poderia ser acrescentada ao roteiro? Alguma atividade poderia ser excluída, devido às características da unidade ou outra situação? As atividades listadas e desempenhadas pelos alunos facilitaram na sua avaliação?

Os alunos serão questionados da seguinte forma: alguma atividade deixou de ser realizada? Por quê? Houve dificuldade na realização de alguma atividade? Você acredita que sua avaliação pelo preceptor ficou mais objetiva, levando em consideração as atividades realizadas de acordo com o roteiro de atividades? Ao final do encontro, o pesquisador, os enfermeiros, docente e alunos podem refazer, modificar e reorganizar o planejamento das atividades de acordo com as situações discutidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do roteiro de atividades permite direcionar a atuação do aluno em campo prático, para que ele possa ter um maior aproveitamento das situações vivenciadas e que exigem tomada de decisão; realizar procedimentos de enfermagem específicos da unidade de terapia intensiva pediátrica; e, aumentar seus conhecimentos na área. O roteiro pode ainda servir como parte integrante da avaliação do aluno pelo docente e preceptor que, ao final do período de estágio, lhe atribuem uma nota. O aluno também fica ciente do que é esperado dele durante sua vivência na unidade.

Dessa forma, com o roteiro, espera-se que o aluno tenha oportunidade de realizar uma assistência de enfermagem sistematizada, planejada, pautada nas competências legais do profissional enfermeiro, que enriqueça sua formação teórico-prática, para que ele não atue somente como mão-de-obra extra para a unidade assistencial. Outro resultado esperado com a implementação do roteiro é que as oportunidades vivenciadas se revertam em uma assistência segura e de qualidade à população, oferecida pelo aluno após concluir o curso de graduação.

No entanto, podem haver algumas limitações na execução do projeto, como: a falta de motivação, interesse e iniciativa pelo aluno; a não colaboração da equipe multiprofissional, especialmente do enfermeiro preceptor, por falta de tempo, vontade ou, ainda, por não se considerar apto para a função de preceptoria; e, a ausência de oportunidades para realizar as atividades devido ao baixo rodízio de pacientes, ao perfil de pacientes no momento do estágio e à recusa da família quanto à criança ser assistida por um aluno.

REFERÊNCIAS

- BALDOINO, A. S.; VERAS, R. M. Análise das atividades de integração ensino-serviço desenvolvidas nos cursos de saúde da Universidade Federal da Bahia. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 50, n. especial, p. 17-24, 2016.
- BENITO, G. A.V.; TRISTÃO, K. M.; PAULA, A. C. S. F.; SANTOS, M. A.; ATAIDE, L. J.; LIMA, R. C. D. Desenvolvimento de competências gerais durante o estágio supervisionado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 65, n. 1, p.172-178, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 1.111/GM, de 5 de julho de 2005: Fixa normas para a implementação e a execução do Programa de Bolsas para a Educação pelo Trabalho. **Diário Oficial da União**: número 129, Brasília, DF, 7 jul. 2005.
- BURIOLLA, M. A. F. O estágio supervisionado. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Lei n 7.498/86, de 25 de junho de 1986**. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Brasília, DF, 25 jun. 1986.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES n. 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Enfermagem. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 37, 9 nov. 2001.
- ESTEVES, L. S. F.; CUNHA, I. C. K. O.; BOHOMOL, E.; SANTOS, M. R. Supervisão Clínica e preceptoria/tutoria - contribuições para o Estágio Curricular Supervisionado. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 72, n. 6, p.1730-1735, 2019.
- LACERDA, L. C. A.; TELES, R. B. A.; OMENA, C. M. B. Estágio supervisionado: percepção do preceptor sobre o processo de ensino-aprendizagem em um hospital de ensino. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.17, n.2, p. 574-591, 2019.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria Interministerial nº 285, de 24 de março de 2015**. Redefine o Programa de Certificação de Hospitais de Ensino (HE). Brasília, DF, 2015.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria n. 1.111/Gm de 5 de julho de 2005**. Fixa normas para a implementação e a execução do Programa de Bolsas para a Educação pelo Trabalho. Brasília, DF, 2005.
- SCHNEIDER, D.R.; VON FLACH, P. M. COMO CONSTRUIR UM PROJETO DE INTERVENÇÃO. Eixo Instrumentos. 2017. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170427-095100-001.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

APÊNDICE A

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO ROTEIRO DE ATIVIDADES DE ENFERMAGEM PARA OS ENFERMEIROS PRECEPTORES

Os enfermeiros preceptores deverão responder as seguintes questões:

- 1) Alguma atividade poderia ser acrescentada ao roteiro? Qual?
- 2) Alguma atividade poderia ser excluída, devido às características da unidade ou outra situação? Explique e exemplifique.
- 3) As atividades listadas e desempenhadas pelos alunos facilitaram a sua avaliação? Como?

APÊNDICE B

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO ROTEIRO DE ATIVIDADES DE ENFERMAGEM PARA OS ALUNOS

Os alunos serão questionados da seguinte forma:

- 1) Alguma atividade deixou de ser realizada? Qual? Por quê?
- 2) Houve dificuldade na realização de alguma atividade? Fale sobre isso.
- 3) Você acredita que sua avaliação pelo preceptor ficou mais objetiva, levando em consideração as atividades realizadas de acordo com o roteiro de atividades? Explique.